



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

Departamento de Sociologia

Curso de Licenciatura em Sociologia

**Trabalho de Fim do Curso**

**Crianças Yao e Ritos de Iniciação: Caminhos para o Casamento Prematuro?**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos  
necessários para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia pela  
Universidade Eduardo Mondlane

**Autora:** Liendina Joaquim Chirindza

**Supervisora:** Dr<sup>a</sup>. Elena Colonna

**Maputo, Fevereiro de 2015**

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de Sociologia**

**Curso de Licenciatura em Sociologia**

*Crianças Yao Ritos de Iniciação: Caminhos para o casamento prematuro?*

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

**Autora:** Liendina Joaquim Chirindza

---

Maputo, Fevereiro de 2015

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de Sociologia**

**Curso de Licenciatura em Sociologia**

***Crianças Yao Ritos de Iniciação: Caminhos para o casamento prematuro?***

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

O júri

O presidente

O supervisor

O oponente

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Maputo, Fevereiro de 2015

## DECLARACÃO DE HONRA

Eu, Liendina Joaquim Chirindza, Declaro por minha honra que esta Monografia nunca foi apresentada em nenhuma instituição de ensino para a obtenção de nenhum grau académico, o seu conteúdo è resultado de investigação pessoal com orientação da minha supervisora, sendo que indico toda a bibliografia consultada para a sua elaboração.

Maputo, Fevereiro de 2015

---

( Liendina Chirindza )

## DEDICATÓRIA

*“ Quando perdemos Dinheiro, não perdemos nada*

*Quando Perdemos Saúde, Perdemos Muito*

*Quando perdemos Carácter Perdemos tudo”*

**Aos meus pais**

Pelos ensinamentos dados sobre a convivência em sociedade, Por estarem presentes sempre que preciso.

## AGRADECIMENTOS

*“ O senhor é meu pastor e nada me faltará. Salmos: 23”*

Primeiro agradecer Deus pela Saúde, pela protecção entidade na qual busquei força sempre que me deu vontade de desistir.

*“ Não sou da altura que me vêm,  
Mas sim da altura que os meus olhos podem ver.”*

Fernando Pessoa

À minha supervisora, Professora Doutora Elena Colonna, pelos ensinamentos e paciência, acessibilidadee pelo fornecimento de bibliografia indispensáveis na elaboração deste trabalho. Agradecimentos também a todos os Professores do Departamento de sociologia em especial a Dra Nair Teles, Dr Baltazar Muianga pelo aprendizado e acima de tudo por terem contribuído na minha formação.

*“ Amigos são como o vento,  
As vezes perto, outras longe  
Mas eternos em nossos corações”*

Ao chefe do Bairro Niassa 1 na Cidade de Lichinga e a todas as crianças do mesmo Bairro pela colaboração na fase da realização do trabalho de campo. Agradeço pela disponibilidade, abertura e amizade com que me trataram.

Agradeço ao meu pai por estar sempre disposto a ler a Monografia desde a fase inicial. Obrigada à Célia pela correcção e criticas construtivas. Aos Meus irmãos e sobrinhos Belmiro, Dionísio Dinho, Nina, Shenya, Jamie e os novos bonecos da família Enno e Lindiwe por serem o meu porto seguro. Estendem-se também os agradecimentos aos colegas da turma de Sociologia 2010, pela amizade e companheirismo em todos os momentos da vida académica.

A todos vai o meu **Assante**. Este trabalho só tornou-se possível graças ao apoio e contribuição de cada um aqui mencionado.

## **RESUMO**

A presente Monografia tem como objectivo geral compreender através da perspectiva das meninas a influência dos ritos de iniciação feminina nos casamentos prematuros no âmbito das crianças da cultura Yao. O trabalho de investigação realizou-se no Bairro Niassa 1, na cidade de Lichinga no Niassa. A escolha deste bairro deveu-se ao facto de este apresentar uma forte participação das crianças nos ritos de iniciação e uma elevada taxa de casamentos antes dos dezoito anos.

Para a realização do trabalho, recorri ao método fenomenológico, através do uso de diferentes técnicas de recolha de dados, tais como, entrevistas, observação e desenhos. Aqui importa referir que foi a teoria fenomenológica de Alfred Schuts que me possibilitou a compreensão do fenómeno em estudo.

Fizeram parte da amostra 15 crianças do sexo feminino, das quais 5 não iniciadas que estavam a preparar-se para o rito, 5 iniciadas não casadas e 5 iniciadas casadas.

Os dados produzidos indicam que os ritos de iniciação não influenciam directamente à prática de casamentos prematuros porém, estes, tem contribuído para o estabelecimento dos primeiros contactos físico-emocionais de crianças de sexo feminino com o sexo oposto.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Ritos de iniciação, casamento prematuro, criança*

## **Abstract**

This research aims to understand from girls perception, how to womanish initiation rites, influences in early marriages focusing on Yão culture children.

However Niassa Neighborhood, hold a strong participation of children in initiation rites and high rate marriage of under eighteen. Therefore it was chosen Lichinga City specially Niassa Neighborhood to carry out the research.

To achieve the objective, we used phenomenological method from different data collection techniques such as interviews, observation and illustration.

Thus, it is important note that it was Alfred Schuts phenomenological theory which enabled to understand the phenomenon under study.

As a sample, participated 15 young girls, including 5 who were not initiated or were prepare themselves for the rite, 5 unmarried initiated and 5 married initiated.

The results indicate that initiation rites not directly influence the practice of early marriages, but these contribute to hold the first physical and emotional contact of young girls with the opposite sex.

Key-words: Initiation Rites, Early marriage, Child.

## **Introdução**



Esta pesquisa pretende na sua essência, compreender as percepções que as meninas do grupo étnico linguístico yao têm em relação aos ritos de iniciação e casamento prematuro. Fizem parte deste trabalho três principais grupos de crianças. O primeiro grupo é das crianças não iniciadas, o segundo diz respeito a crianças iniciadas não casadas e o terceiro grupo refere a crianças iniciadas casadas. Os objectivos específicos do trabalho são: descrever as actividades quotidianas das meninas, analisar as perspectivas que as meninas têm para os seus futuro e por fim comparar os resultados encontrados nos três grupos de meninas.

Ao desenvolver o presente estudo sobre a influencia dos ritos de iniciação e casamento prematuro recorri a ideia de que os significados que as crianças dão a estes fenómenos são de grande relevância pelo facto de serem exclusivamente elas que vivenciam essa realidade. A revisão da literatura obedeceu a consulta de materiais referente a ritos de iniciação e casamento prematuro.

Os ritos de iniciação têm o privilégio de se manifestar em quase todas as áreas da vida de um indivíduo. Seja na esfera doméstica ou na esfera pública. Por isso que são considerados como a escola da vida. Unyago como são denominados estes ritos na cidade de Lichinga especificamente no grupo yao, dão a conhecer aos indivíduos as histórias do povo yao, ensinam como se comportar em sociedade e a maneira de ser e estar em diferentes situações.

Este trabalho baseou-se na definição legal do termo casamento prematuro. A lei da família moçambicana considera casamento prematuro como toda aquela união marital onde um dos indivíduos tem a idade inferior a dezoito anos. Opto em fazer uso do termo casamento prematuro à luz da lei para não cair na complicação que a definição do mesmo termo por vezes oferece. Pois existe uma ambiguidade na definição geral e na definição local. Os critérios que o grupo yao considera para tomar um casamento como prematuro não são os mesmos que a lei toma em consideração.

Com base na revisão da literatura identifiquei três (3) principais dimensões pelas quais os ritos de iniciação são concebidos: o crescimento social, a educação tradicional e a manutenção da tradição.

A primeira dimensão (o crescimento social), refere-se à distinção ou separação entre o mundo infantil e mundo adulto, uma vez que, a passagem pelos ritos de iniciação determina a transição da infância à fase adulta (Madeira, 2006).

Na dimensão seguinte (educação tradicional), os ritos de iniciação moldam as raparigas para uma boa convivência em sociedade enfatizando, porém, o papel delas enquanto esposas e donas de casa. Segundo Osório (2006), a vida conjugal é um ensinamento forte quando se olha para os ritos na vertente educacional.

A terceira e a última dimensão (manutenção da tradição). Refere a prática dos ritos de iniciação como umas das formas de preservação de hábitos e costumes que distinguem uma cultura. (Silva 2009).

Existe uma relação de dependência entre a primeira e a última dimensão visto que os hábitos e costumes só podem ser mantidos se os indivíduos forem iniciados. A eliminação dos ritos de iniciação pode pôr em causa a manutenção de tais hábitos.

O casamento prematuro é um facto que ocorre em diversas sociedades do mundo apesar de os governos envidarem esforços para a erradicação desta prática. Entretanto África sob-sahariana, Ásia, Médio oriente etc. É que apresentam maior índice deste tipo de casamento, contudo, a realização dos mesmos em Moçambique é justificada recorrendo-se a práticas culturais como os ritos de iniciação e a poligamia (Rosco, 2013). A diferenciação do género no processo de socialização contribui para a subalternização da mulher, entretanto, a pouca atenção que é dada a educação formal das raparigas possibilita o fechamento da mulher no círculo doméstico fazendo com que lhe sejam privados todos seus direitos, como por exemplo os direitos sexuais.

A escolha deste tema assenta-se na intenção de buscar e compreender percepções ou significados que as próprias crianças produzem a partir da importância que elas dão aos ensinamentos que recebem durante o período iniciático tendo em conta que as crianças não são actores passivos. Elas não só se apropriam, como também, reinventam e reproduzem de forma criativa os ensinamentos que recebem dos adultos (Sarmiento, 2008).

O interesse em trabalhar também com crianças não iniciadas, surge pelo facto de a pesquisadora acreditar que elas têm expectativas ou já possuem alguma ideia de como será as suas vidas depois de passarem pelos ritos iniciáticos.

Referente a motivação para a realização deste trabalho, destaca-se o facto de a pesquisadora ser natural da cidade de Lichinga e ter assistido a vários casamentos que acontecem poucos anos depois da iniciação das crianças, uma outra motivação não menos importante está associada à necessidade de se efectuar estudos aturados sobre tal fenómeno envolvendo directamente as próprias crianças.

Do ponto de vista sociológico, justifico a relevância deste estudo pelo facto de a área da Sociologia da Infância comparativamente a outras áreas, ser pouco estudada em Moçambique. Pelo facto de esta disciplina ser relativamente nova, são poucos os estudos académicos que têm se debruçado nessa área. Um outro aspecto que julgo relevante, é o facto de ter decidido envolver os próprios actores deste fenómeno social no caso as próprias crianças, visto que, a sociologia da infância propõe a construção de um novo conhecimento envolvendo as crianças. A forma como esta disciplina propõe que se construa este novo conhecimento é conceber as crianças como actores e produtoras de significados.

Quando se trata de estudar crianças, há muitos aspectos que devem merecer especial atenção e como a sociologia da infância sugere, é importante “estudar as crianças, as relações que elas estabelecem e as suas culturas a partir das suas perspectivas independentemente do ponto de vista dos adultos” (Prout & James 1990 apud Colona, 2012).

A imposição de preceitos adultos pode possibilitar conclusões adultocêntricas, uma vez que as experiências das crianças não são analisadas na perspectiva delas.

Tanto os ritos de iniciação como os casamentos prematuros têm sido alvo de acesos debates não só nas áreas ou Instituições que lidam com os direitos das crianças como também na comunicação social. Entretanto, com as conclusões deste trabalho pode se olhar para os programas, políticas e estratégias de instituições cujo seu campo de acção está ligado ao futuro das crianças. Pode-se avançar exemplos de instituições como, A UNICEF, Save the children, Rede da Criança, Ministério da Mulher e Acção social que têm disponibilizado uma maior prestação às crianças.

De forma a alcançar o meu objectivo, procurei acompanhar o dia-à-dia das crianças, sejam elas não iniciadas, iniciadas não casadas e iniciadas casadas.

O interesse em observar o quotidiano das crianças na sua inteira naturalidade, nos seus bairros, ou mesmo nas famílias em que estiveram inseridas foi acolhido tendo em consideração que o ambiente social, a cultura etc, influenciam na maneira de ser e de estar das crianças.

Entendo que a permanência nos bairros permitiu na observação de comportamentos e atitudes dela, visto que é naqueles lugares onde as suas relações sócio culturais e humanas se desenvolvem. A observação foi uma observação simples, onde a pesquisadora permaneceu alheia a comunidade e foi observando tudo o que ali acontecia.

Procurei simplesmente trabalhar com crianças o que me possibilitou chegar mais a fundo às percepções que elas têm com relação aos ritos de iniciação e casamentos prematuros. O meu foco não é descrever como os ensinamentos transmitidos nos ritos de iniciação moldam-nas, mas sim, compreender como é que as crianças experimentam esses ensinamentos, seja com outras crianças ou com adultos, uma vez que a maior parte dos casamentos são feitos entre adultos do sexo masculino e menores do sexo feminino.

Para realizar este trabalho recorri a teoria fenomenológica assumindo que a mesma fundamenta-se na subjectivação dos significados.

Assumindo a necessidade de compreender este fenómeno que é frequente na nossa sociedade, tenho para este estudo a seguinte pergunta de partida: *Através das perspectivas das meninas yao, qual é a influencia dos ritos de iniciação no casamento prematuro?*

O presente trabalho obedece a seguinte estrutura: no primeiro capítulo, apresento a revisão da literatura, concepção dos ritos de iniciação, casamento prematuro, países com elevados índices de casamentos prematuros, a visão da lei moçambicana, limitação dos estudos apresentados e por fim a pergunta de partida. No segundo capítulo discuto a *teoria* fenomenológica, a definição dos conceitos criança, ritos de iniciação e casamento prematuro. Coube ao terceiro capítulo a apresentação da *metodologia* e de todas as *técnicas* que ajudaram na recolha de dados; os *constrangimentos* enfrentados e as *limitações do trabalho*. No quarto capítulo tem lugar a

apresentação, análise e discussão dos dados colhidos no campo. Termino fazendo as considerações finais.

## **CAPÍTULO I. Ritos de iniciação e casamento prematuro: A busca de um novo olhar**

Quando se apresenta a literatura consultada para a orientação de um trabalho comprova a credibilidade do mesmo, assim, a revisão da literatura obedeceu a consulta de materiais com temas relacionados aos ritos de iniciação e casamento prematuro. A apresentação e discussão desses trabalhos é feita em duas secções, no primeiro momento apresento os estudos relacionados com os ritos de iniciação e na segunda parte trago os trabalhos relacionados com o casamento que irá culminar com a formulação da pergunta de partida e termino o capítulo apresentando os objectivos.

### **1.1 Ritos de iniciação**

Martinez (1999), em seu livro “O povo Macua e a sua Cultura”<sup>1</sup>, analisou a sociedade macua e descreveu os ritos ali praticados. Segundo este autor, os ritos de iniciação na sociedade macua, inicia na primeira menstruação e termina com o casamento.

O contexto social em que as crianças crescem tem uma grande influência na visão que elas constroem do mundo. Na perspectiva do autor supracitado, o casamento decorrente dos ritos de iniciação marca o crescimento da rapariga uma vez que, o acompanhamento por parte dos pais termina assim que a adolescente contrai o matrimónio.

Segundo Tvedten, Margarida et al (2009), as raparigas passavam por estes ritos logo que atingissem a puberdade. Nestes ritos são transmitidos às raparigas os conhecimentos relacionados com os seus papéis e noções de sexualidade, sempre realçando as suas obrigações para com os homens.

No entanto, pode se verificar que entre estes dois autores os conhecimentos sobre a vida conjugal ocupam maior espaço dentro dos ritos de iniciação.

---

<sup>1</sup>fruto da Tese de doutoramento em Missiologia na Pontifícia Universidade Católica de Roma,

Embora os ritos de iniciação marquem socialmente a transição da vida infantil para a fase adulta, Tvedten, Margarida et al (2009), consideram que o casamento pode aparecer como um indicador dessa transição. A realização do casamento na visão destes autores seria para marcar a entrada do indivíduo no grupo dos adultos embora o mesmo já tenha sido iniciado.

Na mesma ideia de Tvedten, Margarida et al (2009), a autora Da Silva (2003), considera que o casamento na adolescência serviria para completar a socialização da rapariga e marcar sua entrada ao mundo dos adultos.

Actualmente, com as transformações na estrutura familiar, os ritos de iniciação na cidade de Nampula são menos praticados em famílias chefiadas por mulheres, uma vez que associam-se a estes ritos comportamentos negativos das raparigas que passam por eles. *“Ter passado pelos ritos de iniciação implica a rapariga estar apta a fazer relações sexuais e nunca recusar.”* (Tvedten, Margarida et al 2009). “

Ainda que na perspectiva de Osório (2008), o ensinamento chave para os ritos é como a mulher deve servir o seu marido na cama - “o factor mais importante na celebração do corpo e da sexualidade” (Ibidem,2008: p17). É importante acatar que em tais rituais as raparigas tem recebido uma vasta gama de ensinamentos importantes no seu futuro papel de esposa, mãe, dona de casa e membro adulto da sociedade.

É nos ritos de iniciação onde as raparigas aprendem e apreendem os papéis que serão por elas desempenhados assim que retornar a sociedade. Para Osório (2008), sendo os ritos uma instância socializadora, os ritos iniciam os jovens numa etapa do seu ciclo de vida, ou seja, no mundo dos adultos, com uma ordem e uma hierarquia socialmente determinada e aceite pela maioria da sociedade.

A vida conjugal é o ensinamento forte quando se olha para os ritos de iniciação como educação tradicional, pois, é lá onde as raparigas são preparadas para serem boas donas de casa, como cuidar dos filhos e principalmente como cuidar e servir o seu marido.

As ideias dos autores até então analisados demonstram que ritos de iniciação têm como principal finalidade a preparação das raparigas para uma vida adulta ou conjugal. Enquanto não passar pelos ritos de iniciação os indivíduos permanecem eternas crianças.

No entanto, (Focault 1979, apud Meira 2008), refere que permanecer criança em sociedades tradicionais é um perigo, pois as suas vidas restringem-se somente no núcleo familiar, enquanto ao adulto cabe também a esfera pública. Especificamente no grupo yao, os indivíduos não iniciados são privados de participar em funerais, não podem também participar na iniciação dos outros indivíduos entre outras cerimónias.

Motivos suficientes para dizer que os ritos emancipam os indivíduos de uma determinada cultura, os indivíduos passam a ter “direitos”. Direito a discurso, direito a participar em cerimónias uma vez que ele já não é mais considerado criança. As suas experiências, o conhecimento adquirido nos ritos coloca-o no mesmo *status* com os “adultos” da sua sociedade.

Os ritos de iniciação caracterizam diferentes sociedades do mundo, embora a maneira de praticar varie de contexto para contexto. Por exemplo os ritos de iniciação macua são diferentes dos ritos de iniciação yao, para que uma menina macua seja iniciada é necessário que a mesma tenha experimentado o seu primeiro ciclo menstrual, enquanto para os yaos basta que os pais se sintam economicamente organizados e a sua filha tenha uma idade maior a 9 anos. Entretanto estes ritos muitas vezes são aproveitados na educação dos indivíduos.

VanGennep (1997), e Madeira (2006), são os principais destacados na interpretação dos ritos de iniciação como crescimento social.

VanGennep (1997), ao analisar os ritos de iniciação considera que estes fazem parte dos ritos de passagem pois, tal como a morte, o nascimento, o primeiro dia de aulas, em fim, a vida toda é feita de rituais que marcam a passagem de um estilo de vida para outro.

Desta forma, para explicar seu posicionamento, o autor faz uso dos termos puberdade fisiológica e puberdade social. Este defende que estas duas raramente convergem, sendo que a primeira é marcada pelo intumescimento dos seios, alargamento da bacia, aparecimento de pêlos na púbis e,



sobretudo, o primeiro fluxo menstrual. Diversamente, a puberdade social seria caracterizada pelas experiências ou provas que a sociedade coloca para reconhecer uma criança como adulta.

É nessa ordem de ideias que a autora Madeira (2006), no seu estudo de ritos de iniciação feminino realizado na sociedade Kamayurá, considera a puberdade social mais do que um simples desenvolvimento fisiológico porque marca o efectivo ingresso da jovem índia no mundo adulto.

Esta autora destaca dois interessantes conceitos; a *distinção e a separação* pois, para ela, os ritos de iniciação feminina não só distinguem como servem também para separar o mundo infantil do mundo adulto.

“Elas se vêem apartadas do mundo infantil e ainda despreparadas para a real inserção no mundo dos adultos. Sofrem a perda e a morte simbólica de um mundo infantil...”  
(Madeira, 2006, p:13)

O pensamento de Madeira (2006) coloca os ritos de iniciação em uma posição de transição com características próprias, que tenha em vista a mudança de um estilo de vida (mundo infantil) para outro (mundo adulto) comportando uma modificação radical no ser e estar dos indivíduos iniciados.

Naquela perspectiva, as crianças deixam de ser crianças após a passagem pelos ritos de iniciação, acabando por remeter-se a uma mudança substantiva. A “morte” da personalidade infantil serve para dar lugar a uma nova personalidade adulta com novos papéis e responsabilidades sociais que ela deve assumir dentro da sua sociedade.

Para Da Silva (2009), no seu estudo sobre a educação em Angola, os ritos de iniciação têm servido na reafirmação dos valores culturais tradicionais, o que contribui para a preservação dos traços essenciais das identidades locais. Falando concretamente dos ritos de iniciação feminina, o autor considera que “a condição de mulher adulta não é dada pela idade biológica, mas sim, é conquistada pelos ritos de iniciação. Nestes ritos a mulher prepara-se para assumir o papel de esposa e mãe, dona de casa e gestora” (Silva, 2009). Mesmo na onda dos ritos como forma de educação tradicional encontram-se também os autores António e Omar (2007).

Aqueles levaram a cabo um estudo na província do Niassa, que culminou com a publicação de uma obra intitulada “*Alguns usos e costumes matrimoniais dos povos Yao e Nyanja da província do Niassa.*” Segundo os autores, participam do *S’ondo*<sup>2</sup> crianças menores com idades compreendidas entre os 8 e 12 anos de idade. A iniciação comporta um conjunto de gestos, provérbios, simulações que são usados como meio de ensinamento. No entanto verifica-se que entre estes autores os ritos de iniciação são usados como forma de educação das raparigas.

Braço (2006), que realizou um estudo que tinha como principal finalidade analisar a educação no contexto dos ritos de iniciação da etnia Ma-sena, afirma que a iniciação era um dos principais meios de educação das crianças e dos jovens que tinha como objectivo manter, recriar, superar e transmitir a cultura.

Deste modo, podemos considerar que na sociedade moçambicana, os ritos de iniciação constituem um mecanismo adoptado na transmissão e manutenção de normas culturais com vista a perpetuar hábitos que distinguem a nossa sociedade.

## **1.2 Casamento prematuro**

Os casamentos prematuros são frequentes em diversas sociedades do mundo, particularmente na África subsaariana, Ásia e médio Oriente. Em Moçambique a lei considera 21 anos como a idade que os indivíduos são responsáveis por si, no entanto a realização do casamento só podia ser feita após o indivíduo atingir a maioridade, o que pouco acontece.

Um número maior de meninas em Moçambique casa ou casou com idade inferior à 18 anos. Acredita-se que algumas práticas tradicionais, nomeadamente os ritos de iniciação, o incesto e a poligamia, contribuem para o surgimento do casamento em idades consideradas inferiores à luz da lei vigente na sociedade moçambicana. Porém, na visão da Rede da sociedade Civil para os Direitos das Crianças (2013), os ritos de iniciação ocupam o lugar de destaque na contribuição para os casamentos prematuros pois considera-se que esta prática cultural, ao tomar as crianças como adultas, incita ao casamento na adolescência.

---

<sup>2</sup> Local onde acontecem os ritos de iniciação feminina

O estudo do autor Arnaldo (2004), que tinha como objectivo principal analisar as tendências e os determinantes da idade do primeiro casamento das mulheres em Moçambique, chegou a conclusão que existem diferenças regionais: as mulheres do norte são as que mais cedo se casam isto para dizer que em sociedades matrilineares as mulheres tendem a entrar no seu primeiro casamento muito mais cedo em relação as mulheres das sociedades de linhagem patrilinear.

Na perspectiva do autor acima citado o casamento tardio nas mulheres da sociedade patrilinear pode ser explicado pela maior importância que é dada ao lobolo. Uma vez que o valor do lobolo está cada vez mais elevado, os homens levam muito tempo na tentativa de reunir os recursos necessários.

Entretanto esta visão é limitada na medida, em que não esclarece o porquê da existência de casamentos prematuros mesmo em regiões em que o pagamento de lobolo ocupa uma posição indispensável para o casamento. Gaza é uma das províncias localizada no sul de Moçambique, orientada pela linhagem patrilinear e dá importância ao lobolo, entretanto há um elevado índice de casamentos prematuros naquela província (Osório, 2013).

Nhamtumbo et al (2010), em um estudo ligado aos casamentos prematuros, consideram que a prática deste tipo de casamentos está relacionada com a violência contra as mulheres. As autoras afirmam que “ *o casamento prematuro constitui um fenómeno que se desenvolve directamente ligado ao processo de construção da identidade feminina que salienta a subalternização da mulher* “ (Nhamtumboetal, 2010. P23). Na ideia das autoras parece haver uma naturalização do casamento prematuro.

A distinção de género representa um dos princípios organizadores da cultura; o jeito que a cultura percebe a mulher revela o carácter discriminatório da mesma, sendo que a mulher não serviria para mais nada a não ser para a reprodução. É nestes moldes que na visão das autoras Nhamtumbo et al (2010), o casamento prematuro relaciona-se com a violência contra as mulheres, retirando delas a pouca liberdade de escolha porque nestes tipos de uniões as crianças do sexo feminino encontra-se privada de todo tipo de vontades pessoais.

Segundo a Rosc (2014), Moçambique encontra-se em primeiro lugar a nível da África austral e em sétimo lugar a nível dos países do mundo com elevados índices de casos de casamentos

premature, os países que encontram-se acima são o Níger, Chade, Guiné etc. Dados do inquérito demográfico e de saúde de 2003 indicam que 18% das mulheres com idades compreendidas entre 20 e 24 anos, já eram casadas antes dos 15 anos de idade e 56% antes dos 17 anos. Um estudo levado a cabo pela UNICEF que tinha como objectivo ouvir as vozes das crianças, afirma que mais de 39% das crianças nas comunidades afirmam ser normal casar com 15 anos de idade. No entanto, Niassa é a segunda província com 57% de casos de casamentos prematuros.

A revisão da literatura já apresentada obedeceu a consulta de obras relacionadas com os ritos de iniciação e casamentos prematuros. A mesma tinha como finalidade apresentar e discutir assuntos que estão relacionados com estas duas práticas para por fim formular o problema deste trabalho, com isso, a secção a seguir irá culminar com a pergunta de partida.

### **1.3 Perspectiva das meninas yao em relação aos ritos de iniciação e casamentos prematuros**

Predominam na cidade de Lichinga três principais grupos etnolinguísticos, os Yaos, os Nhanjas e os Macuas. No grupo Yao, o maior grupo etnolinguístico da cidade de Lichinga os ritos de iniciação são uma prática frequente. Segundo António e Omar (2007), aqui as raparigas entre os 8 e 12 anos de idade são retiradas do convívio sócio-familiar para durante um período participarem daquela prática cultural. Depois de iniciadas a sociedade considera essas raparigas adultas esperando também que elas se comportem como tal. Entretanto, existe a ideia segundo qual a passagem pelos ritos de iniciação possibilita a entrada directa para o casamento. Com isso, a realização do casamento antes de essas crianças disporem de capacidades físicas e emocionais também são frequentes nesse grupo cultural.

Posto isto, no que toca as ideias dos autores aqui apresentados, resta-me dizer que eles apenas indicam a existência de relação entre os ritos de iniciação e casamento prematuro, relação que é estabelecida por normas sociais e culturais.

Os estudos citados, não problematizam como é que as próprias crianças, pensam essa relação, assim como não nos dão a conhecer se a passagem pelos ritos de iniciação influenciam na tomada decisão das meninas para o casamento.

Daí que, o trabalho propõe um estudo profundo com três grupos de crianças (não iniciadas, iniciadas não casadas e iniciadas casadas), todas do sexo feminino, uma vez que tomamos as crianças como actores sociais e produtoras de significados.

Este trabalho enquadra-se na Sociologia da Infância, uma disciplina que visa “estudar as crianças, as relações que elas estabelecem e as suas culturas, a partir dos seus pontos de vista, independentemente das perspectivas e dos conceitos dos adultos” (Prout & James 1990; Sarmiento, 2008).

Assim sendo a pergunta de partida é a seguinte.

*Na perspectiva das meninas yao, qual é a influencia dos ritos de iniciação no casamento prematuro?*

## **1.4 Objectivos**

### **1.4.1 Geral**

Este trabalho tem como objectivo geral compreender dos três grupos de crianças, não iniciadas, iniciadas não casadas e iniciadas casadas se os ritos de iniciação têm influenciado na decisão para o casamento prematuro.

### **1.4.2 Específicos**

- Descrever as actividades quotidianas dos três grupos de crianças
- Analisar as perspectivas para o futuro dos três grupos de crianças
- Descrever as percepções das crianças sobre os ritos de iniciação e casamentos prematuros
- Comparar os resultados dos três grupos de crianças, não iniciadas, iniciadas casadas e iniciadas não casadas

## **CAPÍTULO II. Opção teórica**

Uma das principais exigências da sociologia da infância é dar voz as crianças na interpretação do mundo social. A investigação sobre crianças não é um assunto novo na área académica porém, os estudos feitos ao longo do século XX não olhavam as crianças como actores sociais. Entretanto, Cristensen e Prout, (2002), identificaram quatro perspectivas usadas ao se desenvolver uma investigação com crianças na área das ciências sociais. A primeira perspectiva diz respeito a crianças como objecto. A segunda refere-se as crianças como sujeito, a terceira crianças como actores sociais a quarta e a última dizem respeito a crianças como participantes.

As duas primeiras perspectivas em que as crianças são vistas como objectos e crianças como sujeito estão relacionadas com os primeiros trabalhos realizados com crianças na idade média onde se negligenciava a imagem das crianças como actores sociais e eram conotadas como seres dependentes e incompetentes.

As duas últimas perspectivas de acordo com Soares (2006), realçam a nova forma de entendimento das crianças e a nova posição que elas ocupam dentro das investigações na área de ciências sociais. Actualmente as crianças são vistas como actores sociais com voz e acção. Portanto, em função da proposta da sociologia da infância, que olha para as crianças como um actor e pela natureza da minha questão de partida optei pela teoria fenomenológica de AlfredSchutz (1979).

### **2. 1 A fenomenologia de acção de Alfred Schutz**

Assumo que quando se faz um estudo que visa buscar percepção de qualquer realidade, é de grande importância que os actores que vivenciam essa mesma realidade estejam envolvidos, pois são eles que a atribuem os significados. Embora influenciados pela causa objectiva, como defende a teoria.

Schutz (1979), ao procurar construir uma fenomenologia da acção é influenciado pela fenomenologia de Edmundo Hursel como também pela teoria de acção social de Max Weber. É dentro dos quatro sentidos da acção de Max Weber que o autor Schutz (1979), vai buscar a noção

de *intencionalidade*. Os reais motivos que impulsionam a acção dos indivíduos no seu quotidiano.

A fenomenologia interessa-se pela fundamentação do significado subjectivo da acção social. De acordo com Schutz (1979), o *significado de uma acção é subjectivo, ele varia de indivíduo para indivíduo*. (o que quer dizer) Não se percebe a realidade da mesma forma como os outros a percebem. Assim sendo, a experiência de vida é que dita tal subjectividade na interpretação do quotidiano, isto é, o *estoque de conhecimento* condiciona subjectivamente os indivíduos em vivenciar a mesma situação da mesma forma. O mundo social que Schutz propõe que se estude é o mundo da vida quotidiana, vivida por pessoas comuns, tanto o de pessoas simples como de pessoas letradas. (Schutz 1979)

O filósofo e sociólogo Schutz (1979), não só se dedicou às estruturas significativas do mundo social como também se dedicou na relação entre a acção e o sentido. De seguida, este autor afirma que o significado de uma acção é interpretado imputando-se, de modo genérico, à consciência alheia o *sentido objectivo*, que se constitui em formas culturalmente codificadas ou *tipificadas*. Deste modo, existe uma relação de circularidade entre o agir e a cultura.

A fenomenologia de Schutz (1979), oferece conceitos fundamentais que podem ser aproveitados na compreensão do mundo social, conceitos como; situação biográfica, tipificação, estoque de conhecimento a mão, mundo da vida ou quotidiano.

Os indivíduos, no seu dia-à-dia vão dando significados as suas acções como também as acções dos outros. Nesse sentido, essas acções vão se tornando tipificações socialmente partilhadas embora as tipificações sejam variações que os actores encontram já construídas dentro da sociedade em que os mesmos estão inseridos. Essas variações são transmitidas aos indivíduos pelos seus antecessores. Para Schutz (1979) são as tipificações è que dão concretude ao mundo social.

O estoque de conhecimento à mão è um tipo de conhecimento que os indivíduos acumulam durante o processo de socialização. No entanto, è com esse acúmulo de experiências que os indivíduos orientam as suas acções no dia-à-dia.

O mundo da vida é o lugar onde os indivíduos como seres dotados de consciência se encontram e partilham das mesmas visões que os outros membros, é aqui onde a intersubjectividade acontece. Neste mundo os indivíduos não são simples actores passivos, eles deixam-se influenciar como também influenciam a sociedade. Para dizer que o mundo da vida não é simplesmente construído por actores singulares, mas por um conjunto deles e é compartilhado através das relações estabelecidas com os de mais actores.

Os conceitos ora apresentados foram aplicados neste trabalho da seguinte forma. A intencionalidade permitiu-me buscar os motivos que conduzem as acções das crianças compreendendo como é que elas significam as suas acções no dia - à -dia.

Existe uma ideia do senso comum entre os yaos da cidade de Lichinga, que a passagem pelos ritos de iniciação contribui automaticamente na prática de relações sexuais e conseqüentemente nos casamentos prematuros.

Os ritos de iniciação e casamento prematuros acontecem no *mundo da vida*, lugar próprio da intersubjectividade. As crianças aqui deixam de ser actores passivos passando a agir activamente e acompanhadas pela capacidade reflexiva. No entanto, as suas acções têm a capacidade de modificar o mundo que elas fazem parte.

*Portanto, devido a esta consciência das crianças, o significado objectivo da relação ritos de iniciação e casamento prematuro está passível de ganhar outros significados que são atribuídos pelas crianças. A fenomenologia possibilita buscar as relações intersubjectivas que estão patentes no quotidiano das crianças.*

De referir que embora sejam subjectivos os significados que se dão a um determinado fenómeno, estes sofrem influências culturais, logo, os significados que as crianças dão aos casamentos que acontecem nas suas faixas etárias não fogem do meio social em que elas estão inseridas.



## **2.2 Definição e operacionalização dos conceitos**

Nesta sessão apresento os conceitos que fazem parte do trabalho. Tenho como conceitos: ritos de iniciação, casamento prematuro e crianças.

### **2.2.1 Ritos de iniciação**

Os ritos de iniciação por vezes são também denominados de ritos de passagem. Segundo Rodolpho (2004), os ritos de iniciação marcam a passagem de um status social para outro. A autora caracteriza os ritos de iniciação como morte e renascimento mas de uma forma simbólica, pois a criança que está sendo iniciada “morre” e “renasce” uma pessoa adulta.

Entretanto, neste trabalho considero ritos de iniciação como um momento em que após as crianças atingirem uma determinada idade, (na sociedade yao as idades variam entre os 8 e 12 anos) são retiradas do convívio sócio-familiar e por aproximadamente trinta dias elas ficam no N'sondo<sup>3</sup>, local onde recebem ensinamentos diversos desde segredos relacionados com a tribo yao até os diferentes aspectos da vida em sociedade.

No grupo cultural yao a infância termina com a iniciação das menores. Se um indivíduo não for iniciado, mesmo que seja cronologicamente mais velho será considerado criança por alguém mais novo. A iniciação aqui é fundamental pois as crianças diferenciam-se das demais crianças depois de iniciadas o *status* de adulta que os ritos cedem possibilita as crianças a participarem em cerimónias tradicionais que antes da iniciação lhes era restrito, como também as crianças tornam-se responsáveis pelos seus actos.

Os ritos de iniciação por serem um elemento cultural, envolvem mitos, objectos, canções que tem como função educar e dar a conhecer a história de seu povo, as crianças enquanto estiverem desligadas do convívio familiar, elas cantam, dançam, ouvem histórias, e muitas vezes as canções tem um conteúdo insultuoso fazendo com que a inicianda se sinta inferior aos demais.

---

<sup>3</sup> Casa ou local onde as crianças ficam para receber os ensinamentos

França (2011), apresenta o conceito ritos de iniciação como cerimónias que marcam a passagem de um indivíduo ou grupo de uma fase de vida para outra. Todas as culturas ou civilizações tem seus ritos inibitórios. Para a autora estes rituais ainda são praticados em muitas sociedades, mas o sentido iniciático foi se perdendo com o tempo.

Embora Rodolpho (2004), e França (2011), falem dos ritos de iniciação como meio de transição de uma fase de vida para outra, identifico-me com a primeira definição que foi apresentada pela autora Rodolpho (2004). Isto porque aquela definição apresenta dois conceitos bastante interessantes refiro-me dos conceitos de *morte* e *nascimento* que a autora apresenta ao definir o conceito ritos de iniciação. Estes conceitos possibilitam uma melhor compreensão dos significados que as crianças podem atribuir aos ritos. É através dos ritos de iniciação que os indivíduos detêm conhecimentos adultos. Afinal, os ritos de iniciação marcam a morte de uma criança e o renascimento de uma nova pessoa adulta.

### **2.2.2 Casamento prematuro**

Pela dinâmica da cultura as expectativas sociais referentes ao casamento sofrem alterações sócio históricas. Factos que em momentos e sociedades distintas podem ser aceitáveis ou naturalizados, em outro contexto o mesmo facto é considerado inaceitável. Contudo, é importante lembrar que no contexto moçambicano a lei considera 18 anos como a idade mínima para a realização de qualquer tipo de casamento seja legal ou em união de factos (lei da família, lei nº20/200, de 25 de Agosto, artigo 30).

De acordo com a lei moçambicana, considero casamento prematuro como a união marital de indivíduos cuja idade é inferior a 18 anos.

É importante afirmar que para este grupo (yao), a prática de casamentos envolvendo raparigas com idades inferiores a dezoito não desperta nenhum tipo de problema social, devido a construção social que o termo criança sofre. A partir do momento em que as crianças são iniciadas essa sociedade considera que o casamento poderá aparecer a qualquer altura.

Sigma Hunda (2007), considera casamento prematuro como uma união de indivíduos de sexo oposto na qual a mulher é menor de idade, esta autora considera este tipo de casamento como imposto a mulher não pela força explícita, mas submetendo-a à pressão implacável e ou manipulação muitas vezes dizendo-lhe que a recusa de um pretendente irá prejudicar a sua família.

Discordando com a primeira parte da definição de Sigma Hunda na qual afirma “casamento prematuro como uma união de indivíduos de sexo oposto onde a mulher é menor de idade.” Penso que o casamento prematuro não deve ser visto só quando a mulher é que têm a idade inferior. O casamento prematuro deve ser percebido também como aquela união de duas pessoas com idades inferiores a dezoito anos, cuja fisionomia, a capacidade psíquico emocional não estão ainda devidamente desenvolvidas.

É verdade que a vulnerabilidade natural das mulheres acentuada pelo facto de ser criança, entretanto dependente dos pais encarregados de educação torna-lhes propensas a este tipo de casamento.

Ao se casar prematuramente as raparigas também tornam-se mães prematuramente, os casamentos prematuros constituem um factor de risco na educação e na saúde das crianças, muitas delas abandonam a escola para poder cuidar da família. Segundo Vaz (2012), a província do Niassa revela maiores índices da fístula obstetrícia devido aos partos que acontecem em idades bastante inferiores.

### **2.2.3 Crianças**

Na definição deste conceito baseei-me nas reflexões da Concepção da Sociologia da Infância, na carta dos direitos das crianças e na concepção que o próprio grupo yao tem das crianças.

De acordo com Monteiro & Carvalho (2011), as concepções tradicionais definem as crianças como seres irresponsáveis, imaturos, incompletos incompetentes e meros receptáculos de uma acção de socialização que os adultos lhes proporcionam.

A concepção tradicional da criança já foi ultrapassada pela Sociologia da Infância, esta última concebe as crianças como actores sociais. As crianças como actores, elas interagem entre si e

com capacidades de produção de uma cultura específica “culturas infantis”. Sarmiento (2003) destaca que na ideia de “culturas infantis” considera-se a capacidade das crianças produzirem significações e modos de monitorização da acção que são genuínos.

Ao se definir o conceito crianças quase sempre acaba se tocar em um outro termo a infância neste caso. Estes dois conceitos quase sempre andam juntos. Porém, deve-se considerar um conjunto de dimensões. Numa vertente social a infância é uma construção da sociedade aonde este grupo geracional (crianças) se encontra.

De acordo com Charlot (1986), a representação da criança é socialmente determinada porque exprime as aspirações e as recusas da sociedade e dos adultos que nela vivem. Particularmente na sociedade yao é considerada criança todos aqueles indivíduos que não tenham passado pelos ritos de iniciação independentemente da sua idade.

A convenção da carta dos Direitos das Crianças (aprovada na 44<sup>a</sup> sessão da ONU, 1989 e ratificada pelo Conselho nacional de Ministros), define criança como todo o ser humano com menos de dezoito anos, excepto, se a lei nacional conferir-lhe a maioridade mais cedo. No entanto, a maioridade em Moçambique é conferida aos indivíduos com vinte e um anos. Considera-se que com esta idade o indivíduo é capaz de administrar a sua pessoa.

Todavia, os critérios culturais que definem se um indivíduo é adulto ou criança entram quase sempre em choque com as leis internacionais, pois a visão que as leis internacionais têm da criança são baseadas nos ideais das classes médias. Deste modo, todas as crianças que não se encaixam nos padrões internacionais, as crianças casadas, mães, e que não frequentam uma escola são consideradas “crianças fora do lugar<sup>4</sup>”.(Cornolly & Ennew, 1996 apud Colonna, 2012). Em Moçambique, a maior parte das crianças sai da infância directamente para a fase adulta. Não existe uma fase intermédia, a adolescência. Esta não é vivenciada e por isso torna-se cada vez mais impossível sair-se do impasse da violação dos direitos das crianças uma vez que, no nosso contexto as regras tradicionais e culturais não se conciliam com as leis ocidentais. Assim, concluímos que o lugar que as crianças ocupam varia de contexto para contexto, uma vez que a infância è uma construção social. Os critérios que caracterizam a infância de uma

---

<sup>4</sup> Que não se enquadra aos padrões ocidentais

determinada sociedade não são os mesmos critérios que vão caracterizar a infância em outra sociedade.

## **CAPÍTULO III. Metodologia**

Tratando-se de uma investigação com crianças tive que ser selectiva na escolha dos métodos, uma vez que devia fazer uso de técnicas que envolvem as crianças. Neste capítulo, começo fazendo uma breve contextualização da cidade de Lichinga e das características culturais que distinguem o grupo etnolinguístico yao. De seguida falo da entrada no campo. Posteriormente discuto as técnicas que orientaram na recolha de dados. Termino o capítulo apresentando as questões éticas e as limitações do trabalho. Em fim descrevo todo o processo que a pesquisa obedeceu durante a realização do trabalho de campo.

A presente pesquisa é de carácter qualitativo, que, de acordo com Minayo (1994), se encontra a nível dos significados, das motivações, atitudes e aspirações. O método qualitativo permitiu-me captar as percepções das próprias crianças.

### **3.1 Contexto**

Lichinga foi fundada em 1931 com o nome de Vila Cabral, e elevada à categoria de cidade em 1969. Localizada ao Norte de Moçambique no distrito do mesmo nome na província do Niassa, a sua população é maioritariamente da cultura Yao professante da religião Muçulmana. No seio da cultura Yao, a base da família assenta-se na mulher pois, se orientam pela linhagem matrilinear. Os membros femininos ou masculinos da família da mãe encarregam-se de cuidar das crianças e em tomar decisões que lhes dizem respeito (Charnley2006 apud Colona2012).

Na Província do Niassa, existem três principais grupos culturais; o yao, o macua e Nyanja. De acordo com o perfil do distrito de lichinga editado pelo Ministério da Administração Estatal (2005), num total de 142.253 de população da cidade de Lichinga mais da metade não fala português. O que quer dizer que 82% tem como língua materna e dominante o cyao.

Os yaos da cidade de Lichinga zelam pela perpetuação dos seus hábitos culturais, a prova disso são os ritos de iniciação que se realizam não só nas zonas recônditas ou nos distritos como também são realizados ainda nos dias de hoje, dentro da cidade.

Os mitos e tabus, entre outros aspectos de cariz tradicional representam um distintivo forte no grupo étnico linguístico cultura Yao. De acordo com Binze (2013), o período menstrual constitui tabu tanto para a mulher como também para o marido. Nesta fase, a mulher sofre várias restrições na sua vida conjugal como também doméstica. Em tal fase, ela não poderá usar fios de missanga na cintura, muito menos tocar no marido quando estes se fizerem à cama. Não pode também pôr sal na comida. Pois nesse estado de ciclo menstrual a mulher é considerada impura.

O casamento yao em princípio, só tem lugar entre iniciados; rapaz circuncidado e rapariga passada pelos ritos de iniciação. Importa referir que os ritos de iniciação são a maior manifestação cultural no grupo yao. Sempre que este acto tem lugar, é notória a azáfama e envolvimento contagiante de diferentes famílias. Muitas vezes tudo pára para dar lugar a esse evento, algumas vezes, em certas famílias, chega-se ao ponto de se interromper as aulas da menina ou menino seleccionado. Pelo que, os ritos também têm a função de manter a coesão social.

### **3.2Entrada no campo**

O mês de Junho de 2014 foi reservado para o trabalho de campo, que durou aproximadamente 20 dias. O trabalho de campo consistiu na observação simples, aplicação de desenhos e entrevista as crianças. No dia 4, uma quarta-feira, fui me apresentar as autoridades do Bairro Niassa 1, estas se mostraram muito acessíveis e receptivas aos meus propósitos, e, a partir daquele momento, dei iniciação trabalho de campo. Optei em trabalhar naquele Bairro porque das inúmeras cerimónias dos ritos de iniciação do grupo yao que tive oportunidade de assistir as que mais me impressionaram pelo facto de verificar um maior número de crianças nas cerimónias iniciáticas foram feitas no Bairro em alusão.

### **3.2Universo populacional e amostra**

Fazem parte do universo populacional crianças Yao's iniciadas, não iniciadas, iniciadas não casadas e iniciadas casada, todas elas do sexo feminino. Trabalhei com crianças não iniciadas por considerar que estas crianças criam expectativas de como serão as suas vidas depois da iniciação.

Trabalhei com crianças de idades compreendidas entre 9 a 17 anos. O interesse em trabalhar com crianças destas idades teve múltiplas razões: Primeiro pelo facto de existirem crianças que ainda não foram iniciadas mas que ainda naquele ano (2014) iam passar pelos ritos iniciáticos; segundo, porque a realização de casamentos antes dos dezoito anos no quadro legal moçambicano é considerado casamento prematuro. Por fim, deveu-se também ao facto de considerar que só as crianças podem dizer o que realmente pensam em torno dos ritos de iniciação e casamentos prematuros.

Uma vez que o trabalho é de carácter qualitativo, usei a amostra por bola-de-neve, onde a identificação de uma criança permitiu chegar a tantas outras. Optei por trabalhar com 15 crianças, todas do sexo feminino, das quais 5 não iniciadas que estejam em preparação para a iniciação, 5 iniciadas não casadas e 5 iniciadas casadas.

Com a ajuda do chefe bairro, cheguei à apenas uma criança que por sinal era iniciada e esta por sua vez indicou-me as outras sejam elas iniciadas como não, visto que todas elas se conhecem uma vez que os grupos de pares são formados tendo como critério a iniciação.

### **3.4 Recolha de dados**

Para a realização deste trabalho, usei o método indutivo como método de abordagem. Importa clarificar que o termo método de abordagem caracteriza-se pelo nível de abstracção mais elevado em relação aos fenómenos da sociedade. No entanto, o método indutivo segundo Gill (1999), baseia-se na formulação de leis para explicar e prever a realidade. É também usado na produção de novos conhecimentos científico. O método indutivo parte da observação de vários casos ou fenómenos para posteriormente formular hipóteses.

Lakatos e Marconi (1992), afirmam que o método de procedimento constitui etapa mais concreta da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenómenos menos abstractos e está limitado a um domínio particular. Com isso, optei pelo método fenomenológico, uma vez que segundo Gill (1999) este método preocupa-se com a descrição das



experiências exactamente como elas são, e que também a realidade è socialmente construída e interpretada de varias formas.

### **3.4.2 Revisão Bibliográfica**

Esta técnica consistiu no levantamento de bibliografia publicada em torno do assunto. Fizem parte deste leque livros, monografias, relatórios de pesquisa e artigos de carácter científico.

### **3.4.2 Entrevistas**

As entrevistas aprofundadas foram a técnica chave na colecta de dados. Segundo Martins (2007), esta técnica permite o relacionamento entre o entrevistado e o entrevistador, que não se limita apenas em uma simples conversa, mas sim num diálogo orientado que busca informações e dados importantes para a pesquisa.

No meu caso em particular, o uso desta técnica foi central já que, as entrevistas não só me ajudaram a captar percepções ou significados que as crianças têm em torno da relação entre os ritos de iniciação feminina e o casamento prematuro. Certas vezes o começo da entrevista era feito em língua local (cyao), deixava claro as minhas entrevistadas que não se tratava de um interrogatório mas sim de uma conversa que visava buscar conhecimentos que elas têm em relação aos ritos de iniciação e casamento prematuro. Assim que as entrevistas terminavam, mantínhamos uma conversa informal, onde também obtive informações relevantes para o trabalho, em alguns casos terminávamos tirando uma fotografia.

### **3.4.3 Observação**

Neste trabalho utilizei a observação simples como método de recolha de dados. Segundo Gil (1999), este método é aquele em que o observador permanecendo alheio a comunidade, grupo ou situação que o mesmo pretende estudar, observa de maneira espontânea os fenómenos que aí ocorrem.

Antes da realização das entrevistas, observei de maneira breve os seus afazeres domésticos, o que permitiu captar elementos importantes, tais como o estilo de vida das crianças, seus comportamentos, etc.

#### **3.4.4 Desenho**

O desenho foi uma técnica aplicada simplesmente a crianças não iniciadas e a crianças iniciadas não casadas, estes foram feitos em três (3) folhas A4, tinham como personagem principal, uma menina (criança) que chamei de Maria. Nestes desenhos, a Maria encontrava-se em três diferentes situações. No primeiro momento, a Maria estava brincando, saltando a corda com um grupo de amigas. Na segunda situação, a Maria estava sentada em uma sala de aulas ouvindo o professor a explicar alguns exercícios de matemática. Na terceira e última situação a Maria estava grávida de mãos dadas com seu marido. Pretendia-se com esses desenhos que cada criança dos grupos já mencionados indicassem em que situação a Maria estava bem e justificar a sua escolha. Através da escolha do desenho, queria captar a percepção das crianças em relação ao lugar das crianças na sociedade yao.

#### **3.5 Análise de dados**

As entrevistas eram anotadas no diário de campo. Logo que saia do campo, a transcrição das entrevistas para o computador era a minha primeira actividade assim que chegava a casa. Elas eram organizadas de acordo com os diferentes grupos de crianças com as quais trabalhei: o grupo das não iniciadas, iniciadas não casadas e das iniciadas casadas. No momento da transcrição escolhi por usar nomes fictícios para garantir a confidencialidade das crianças.

#### **3.6 Questões éticas**

A pesquisadora se apresentou como estudante da Universidade Eduardo Mondlane. Esclareceu os objectivos da pesquisa. Para que as minhas entrevistadas não se sentissem na obrigação de participar da entrevista, esclareci-as que se elas quisessem parar com a entrevista o podiam fazer a qualquer momento.

Concordando com Soares (2006), ao se construir uma ética na investigação com crianças é importante que se abandone as concepções conservadoras que defendem o poder e tutela que os adultos tem sobre as crianças.

Por razões contextuais, considero que a minha aceitação no grupo de crianças com as quais se desenvolveu a pesquisa foi boa, pelo facto de a pesquisadora ser mulher e ter passado pela iniciação, pesa embora, a minha iniciação não tenha seguido o padrão puramente tradicional, proporcionou uma maior liberdade e abertura por parte das crianças ao se falar de um assunto tão delicado para elas, no caso os ritos de iniciação e casamentos prematuro. Diferentes factores que também estiveram ao meu favor pesaram o facto de eu ser natural da cidade de Lichinga e falante da língua Yao, o que por vezes, permitiu-me fazer uso da língua local para estimular a nossa comunicação.

Enfrentei dois principais constrangimentos:

- Indisponibilidade e inacessibilidade das crianças

O primeiro constrangimento que está relacionado a indisponibilidade das entrevistadas, deu-se com duas crianças iniciadas não casadas e uma iniciada casada. Sempre que me fazia presente nas suas residências, local onde decorriam as entrevistas, as crianças estavam ocupadas com afazeres domésticos, tais como dar banho aos irmãos mais novos, lavar a loiça, cozinhar e não podiam parar para me atender, sem antes darem por terminado os seus trabalhos.

A realização das entrevistas só foi possível após três tentativas. Contudo, decidi usar o primeiro constrangimento ao meu favor observado as suas actividades domésticas. Eu me desculpava por ter chegado em suas residências naquela hora em que elas estavam trabalhando, aproveitava para marcar o próximo encontro, e quebrar o gelo entre entrevistador-entrevistado. Pude observar que aquelas crianças fazem os seus trabalhos com dedicação.

A inacessibilidade é vista em várias vertentes, primeiro prende-se no facto de uma entrevistada viver em local de difícil acesso, segundo a entrevistada tinha respostas limitadas, respondia como se, se tratasse de um questionário, enquanto eu esperava que argumentasse. Considero que a timidez da entrevistada impossibilitou colher os dados com precisão.

### **3.7 Limitações**

Assumo ser indispensável o debate em torno dos ritos de iniciação e casamentos prematuro visto que este é um tema que merece atenção não só pela comunidade académica como também pela sociedade em geral. Como qualquer outro trabalho científico, este trabalho apresenta limitações a partir do momento em que busca simplesmente compreender os significados que as crianças constroem das relação ritos de iniciação e casamentos prematuros e deixando de envolver as matronas que iniciam as mesmas crianças.

Pelo facto também de ter seleccionado um número reduzido de crianças limita-me a generalizar. A cidade de Lichinga tem um mosaico cultural, esta cidade é dominada por três grandes grupos etnolinguísticos, os yao, os Macua e os Nhanjas. Entretanto, ao invés de limitar-me a estudar um grupo cultural neste caso os yaos, podia também fazer um estudo comparativo entre as percepções das crianças dos três grupos culturais para melhor perceber o casamento prematuro nesses grupos. Uma outra limitação é o facto de ter desenvolvido o trabalho simplesmente no contexto urbano, isso põe em causa até um certo ponto os reais aspectos do grupo yao. A dinâmica cultural urbana é diferente da dinâmica cultural rural, as especificidades da cultura muitas vezes mantêm-se no espaço rural.

## **Capítulo IV. "Eu já não brinco mais com crianças" Da passagem pelos ritos de Iniciação ao Crescimento Social.**

Nesta fase do trabalho, apresento perfil sócio-demográfico das minhas entrevistadas e de seguida descrevo em 5 secções os resultados empíricos que inclui as entrevistas, as observação e desenho. Na primeira parte apresento as características do bairro e das famílias das quais as crianças são provenientes, seguindo-se o perfil sócio-demográfico.

### **4.1 Bairro e Famílias**

O Bairro Niassa 1, local onde o estudo de campo foi efectuado, as casas são na sua maioria de construção precária com base à material local. As paredes são revestidas de barro e tecto de capim. Mais que a metade das crianças com quem trabalhei especificamente 13 crianças moram nestes tipos de casas, exceptuando duas que moram em casas de tijolo queimado com cobertura de chapa de zinco.

Nas famílias yao, a divisão social do trabalho baseia-se em função de idade e sexo; o que significa, existirem trabalhos próprios para crianças e adultos assim como trabalho para homens e mulheres. A maioria dessas crianças é proveniente de famílias alargadas.

Tabela 1

Idade	Nível de escolaridade	Ano do rito de iniciação	Ano do casamento
<b><i>Crianças não iniciadas</i></b>			
9 anos	3ª classe	2014	-----
10 anos	6ª classe	2014	-----
10 anos	6ª classe	2014	-----
10 anos	4ª classe	2014	-----
9 anos	3ª classe	2014	-----
<b><i>Crianças iniciadas não casadas</i></b>			
15 anos	11ª	2008	-----
13 anos	8ª classe	2013	-----
14 anos	8ª classe	2012	-----
13 anos	7ª classe	2012	-----
14 anos	7ª classe	2010	-----
<b><i>Crianças iniciadas casadas</i></b>			
15 anos	10ª classe	2011	2013
16 anos	8ª classe	2013	2013
17 anos	9ª classe	2007	2012
16 anos	8ª classe	2008	2013
17 anos	8ª classe	2006	2011

Fonte: Dados do campo

Como é notório, em relação as crianças iniciadas casadas o espaçamento que se deu entre os ritos e o casamento parte de 1 à 5 anos depois da iniciação. Importa referir que criança que casou-se no mesmo ano do rito primeiro casou, teve o seu bebé e só depois è que foi iniciada.

#### **4.2 Perfil sócio-demográfico das entrevistadas**

Apresento aqui detalhadamente o perfil das crianças que fizeram parte deste trabalho. As crianças são todas elas do sexo feminino, sendo que suas idades variam dos 9 aos 17 anos de idade. No caso específico das crianças iniciadas casadas, trabalhei com idade mínima de 15 anos que se estendia até aos 17 anos de idade.

Os níveis de escolaridade das entrevistadas vão desde o primário ao secundário embora duas (2)

das crianças tenham desistido de frequentar a escola ainda no nível primário. 4 Crianças do grupo das crianças iniciadas casadas são mães. Apesar de cada uma viver com seu respectivo marido, especificidades de natureza cultural e financeira obriga-lhes a viver ainda com seus pais. A orientação matrilinear a que pertencem, a incapacidade financeira e assistência social, são algumas das razões dessa "convivência" com os pais. As Crianças iniciadas não casadas por sua vez, também vivem sob responsabilidade dos pais pois, aos pais, cabe ainda a obrigação de velar pela educação das suas filhas.

Importa referir que, do grupo de crianças iniciadas casadas, somente uma delas é que vive só com o seu marido e filha. Porém, a sua residência não dista da residência dos pais.

No que tange à dados sócio-demográficos apresentados aqui; faixa etária, nível de escolaridade, tipo de habitação, demonstram que existe uma ligeira heterogeneidade em termos de estratos sócias das crianças.

#### **4.3 Práticas do quotidiano**

Iniciei com a apresentação e análise dos dados referentes às actividades do quotidiano das crianças. A realização de trabalhos domésticos caracteriza a socialização das crianças yao diferentemente das crianças ocidentais. Por normas que regem a organização familiar todas crianças daquele grupo étnico devem participar dos trabalhos domésticos. As crianças fazem um pouco de tudo. Lavam suas próprias roupas, lavam pratos, cozinham, varrem, cuidam de outras crianças, neste caso, de seus irmãos mais novos, numa clara perspectiva de prepará-las para a vida.

Como referi, as crianças yao participam activamente no processo da socialização. Havendo no entanto que, considerar o lado criativo de que qualquer criança está dotada para além de que elas têm também sentimentos próprios. Entretanto, a sociologia da infância propõe que se redefina o conceito de socialização impõe-se hoje que se deixe de lado a ideia de que as crianças não passam de uns actores passivos.

Segundo Tâmara (2008). O processo de socialização envolve um indivíduo, suas interações, comunicações e actividades no meio social em que vive bem como as distinções sociais que podem resultar dessas todas relações.

É importante referir que, para além de trabalhar, essas crianças estudam e brincam. As brincadeiras variam no tempo e no tipo. As crianças ainda não iniciadas têm mais tempo para brincar. Elas têm brincadeiras que caracterizam este grupo geracional. Brincam com bonecas, sentam ao chão diferentemente das crianças iniciadas (casadas e iniciadas não casadas) que são mais ocupadas com os afazeres domésticos. O tipo de brincadeira é de adulto, elas simplesmente conversam.

*Eu todos os dias não faço nada de especial, acordo, vou a escola. Quando volto mata-bicho e vou brincar. (Sérgia 9 anos, criança não iniciada).*

Embora as crianças não iniciadas também participem dos trabalhos domésticos, a sua participação ainda não é muito exigida comparativamente as crianças iniciadas não casadas e as crianças iniciadas casadas. Pode se ver isso no depoimento a seguir

*No meu dia-a-dia eu faço todos os trabalhos aqui na minha casa, quando termino aqui, vou para casa da minha mãe ajudar nos trabalhos também. (Marta, 16 anos, iniciada casada e mãe)*

*Varro quintal tomo banho e vou a escola (Quitéria 12 anos, criança iniciada)*

Através destes depoimentos constatei que as tarefas diferem no antes e no depois da iniciação. Porém, entre as crianças iniciadas e as iniciadas casadas o tipo de trabalho doméstico não tem muita diferença. Tanto antes como depois da iniciação as crianças participam dos trabalhos domésticos embora exista uma variação quanto a responsabilidade. Antes da iniciação as crianças participam das tarefas domésticas fazendo pequenos trabalhos, nesse caso as tarefas não pesadas.

A sociedade africana toma as crianças como um bem precioso. (Montgomery2009 apud Colonna 2012), alega que as crianças em África representam o meio para a formação de uma família, o perecimento de uma criança possibilita aos indivíduos o estatuto de homem e mulher. Ao envolverem as crianças muito cedo em actividades domésticas, as sociedades africanas consideram que o trabalho contribui na formação delas, acredita-se que as crianças irão precisar



desse aprendizado para integração social das mesmas, por isso as brincadeiras só aparecem depois de concluídas todas as actividades domésticas

A questão referente a actividade do quotidiano foi muito importante, considerei esta como a questão quebra - gelo, visto que as crianças abriram-se falando um pouco de quase tudo que elas fazem no dia-a-dia o que permitiu ter uma ideia de como elas organizam o seu tempo, tempo para brincar, tempo para estudar e tempo para trabalhar, em fim o trabalho e a brincadeira são as duas dimensões presentes nos 3 grupos de crianças apesar de estes terem diferentes pesos.

#### **4.4 Significados dos ritos para as crianças**

Nesta secção procuro perceber das crianças que significados os ritos de iniciação têm para elas. Comecei por questionar as crianças já iniciadas se os ritos de iniciação trouxeram alguma mudança nos seus estilos de vida. Para as crianças não iniciadas que estão sendo preparadas para o rito, essa questão consistia em saber o que elas acham que iria mudar em suas vidas depois da iniciação. A preparação para o rito consiste na consciencialização das crianças. Os familiares da parte materna explicam as crianças de forma a fazê-las perceber que daqui a algum tempo elas serão submetidas aos ritos.

Pelo que encontrei nas crianças iniciadas respostas relacionadas com a mudança de comportamento, a passagem pelos ritos de iniciação permitiu transformações nas crianças relacionadas com o respeito para com os mais velhos, realização de novos tipos de trabalhos domésticos. As crianças não iniciadas perspectivam o futuro sem fazer relação com a passagem pelos ritos, elas simplesmente querem crescer e não querem que mude algo em suas vidas.

Tomemos em consideração os depoimentos:

*“ Antes eu só acordava e ia brincar. Agora lavo pratos, varro quintal, respeito os mais velhos” (criança iniciada não casada 13 anos de idade).*

*“Mudou sim. Antes eu brincava com crianças mas agora já não brinco”(Quiara, criança iniciada não casada, 13 anos)*

Se antes as crianças comportavam-se de maneira não desejada pela sociedade ou pelas famílias, a passagem pelos ritos de iniciação possibilitou que elas assimilassem modelos comportamentais desejados a nível familiar e social. Entretanto a passagem pelos ritos de iniciação impõe novas responsabilidades às crianças trazendo novas maneiras de ser e estar.

No entanto ainda nas mudanças que os ritos de iniciação trazem na vida das crianças identificamos um outro grupo que afirma não registarem mudanças após a passagem pelos ritos de iniciação. Os dois depoimentos que apresento a seguir, demonstram esse posicionamento.

*“ Não mudou nada, continuo fazendo o que fazia antes. Continuo indo a escola e faço trabalhos domésticos” (Mónica, 15 anos de idade, criança iniciada casada).*

*“Eu não vejo que mudou algo. Faço tudo que fazia antes” (Beth, 14 anos de idade, iniciada casada)*

Os dois resultados transmitem a mesma posição embora a primeira criança esteja casada. Verifica-se que, no primeiro depoimento a criança iniciada casada nem fala do seu casamento que apareceu depois da iniciação, ela não coloca nenhuma relação entre o ter ido aos ritos de iniciação e o facto de hoje estar casada com aquela idade. Para ela a experiencia dos ritos de iniciação não trouxe nenhuma mudança, uma vez que ela acha que continua fazendo o que fazia mesmo antes da iniciação. Assim concluo que os ritos de iniciação não quebram tanto que tal o estilo de vida das crianças. Simplesmente eles fazem uma ruptura nas relações entre as crianças iniciadas e crianças não iniciadas.

#### **4.5 Perspectivas para o futuro**

O facto de ter estado a trabalhar numa intensa interacção com as crianças me permitiu constatar que elas têm perspectivas para quando forem adultas. Como se pode ver nos depoimentos abaixo.

*“Eu quero ter emprego” (Quiara, 14 anos, criança iniciada não casada)*

*“Quando crescer eu quero ser professora” (Marilia 10 anos, criança não iniciada)*

*“ Meus planos são de estudar para também ajudar as pessoas que me ajudaram” ( Mingas 14 anos, criança iniciada)*

No que toca as perspectivas para o futuro, as crianças não iniciada e as crianças iniciadas não casadas esperam muito do futuro. Elas tem sonhos por realizar, quando se trata de se imaginarem no futuro fazem-no com sorriso no rosto e com o rosto voltado para o céu, com os dedos das mãos começam a enumerar as coisas que querem conquistar.

As crianças iniciadas casadas não têm perspectivas para o futuro. Elas respondiam essa questão com alguma dúvida, receio ou até incerteza. O aparecimento prematuro do casamento até um certo ponto elimina os sonhos das crianças.

*“ Não sei...hum...Eu quero trabalhar (Olga 16 anos, criança iniciada casada e mãe)*

*“Eu? Não sei (Marta, 17 anos criança iniciada casada e mãe)*

#### **4.6 Namoro casamento e maternidade**

Ao longo da pesquisa constatei que para além da existência de crianças casadas existe um elevado número de crianças mães solteiras uma vez abandonadas pelos pais dos seus filhos. Essas crianças mães não têm muitas dificuldades em cuidar de suas crianças porque já vinham fazendo isso antes, pois, enquanto mais novas, elas é que cuidavam de seus irmãos dando banho, dar de comer, trocar a roupa entre outras coisas.

Nas conversas que ia mantendo com crianças conheci uma menina de apenas 15 anos que é mãe solteira. Queria que ela fizesse parte deste trabalho, entretanto, recusou-se a participar alegando que ela não é casada simplesmente tem filho cujo pai da criança vivia separado dela. Em princípio não acreditei que uma criança naquela idade estivesse experimentando muita coisa. (15 anos, mãe, solteira). Questionei-lhe novamente se era mãe, pois a sua aparência física não me permitia acreditar. Tinha um corpo pequeno, o peito dela não estava desenvolvido, era mesmo de criança estava a “picar” ainda. Ela apercebeu-se que fiz a questão com os meus olhos fixados no seu peito. A menina riu-se e disse *“tenho bebé eu, saudável tem 10 meses”*. Pena que ela preferiu não participar não pude ter mais informações relacionadas com a sua vida.

Segundo Tvedent et al (2012), A capacidade de gerar filhos está ligada à importância que existe nas mulheres em provar a sua fertilidade. Neste contexto, graças a tradição o casar e tornar-se mãe aos 14 anos acaba sendo natural.

Em África a responsabilidade de tomar conta de crianças é atribuída a crianças mais velhas. São elas que durante o dia cuidam dos seus irmãos mais novos dando banho, dar de comer e controlar-lhes nas suas brincadeiras.

#### **4.7 Tomada de decisão em relação ao casamento**

*Eu comecei a namorar depois de umbalar. Tinha 13 anos...conheci meu marido no meu bairro e meus pais e que decidiram o meu casamento (Sandra, 15 anos, criança iniciada casada,)*

*Casei no ano passado. Foi tudo muito bonito meu marido e que decidiu tudo. Eu umbalei tarde depois de ter minha filha, só fui lá(aos ritos) para aprender outras coisas. (marta 16 anos, criança iniciada casada e mãe)*

O último depoimento é de um caso excepcional. Nota-se no presente caso que, houve primeiro o aparecimento da gravidez e do casamento muito antes de a criança ter sido iniciada. Porém, houve necessidade de leva-la aos ritos pois existiam “*coisas da vida*” que a criança precisava conhecer. Segundo aquela sociedade tais coisas não só são indispensáveis para uma mulher yao, como também só podem ser aprendidas nos ritos de iniciação. Tal como o discurso desta criança demonstra - *fui lá para aprender “outras” coisas* - isto leva-me a crer que nos ritos de iniciação não se aprende somente questões relacionadas com a sexualidade pois, tais rituais comportam um conjunto de saberes importantes na vida da futura mulher adulta demonstrando assim a relevância dos ritos para a vida das crianças enquanto mulheres e mães.

Segundo a Unicef (2014), Moçambique ocupa o sétimo lugar com casos de casamentos antes dos 18 anos a nível do mundo. Quando questionei as meninas iniciadas casadas se elas sonhavam casar com aquela idade, as minhas entrevistadas responderam que não, pois, o casamento surgira de uma forma inesperada.

*Não é porque eu não queria casar, só que não era para ser agora. (Lorena, criança iniciada casada )*

*Meu marido era amigo do meu irmão, então quando minha família descobriu que estávamos a namorar mandaram-nos casar ( Isaura 17 anos criança iniciada casada e mãe).*

Sendo a cultura conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade (TylorapudLevis-strauss, 1985, p 397), faz-me considerar o casamento prematuro um fenómeno difícil de definir, por este estar sujeito a influências de variáveis tais como contexto, sexo, idade etc. isto aliado aos critérios que a cultura tem para definir a maioridade dos indivíduos que se mostram desajustados às leis convencionais.

Procurei saber das minhas entrevistadas o que entendiam por casamento, ao que constatei haver alguma partilha de opiniões. As crianças (na sua maioria), entendem o casamento como “viver junto” ou viver com uma pessoa de sexo oposto.

Porém, o casamento em si não é percebido pelas crianças como algo errado, mas antes da realização do mesmo é importante que se esteja preparada. No ponto a seguir, apresento a discussão dos dados recorrendo a teoria fenomenologia de Schutz.

#### **4.8 Percepções das crianças yao em relação aos ritos de iniciação e casamentos prematuros**

Cabe a este subcapítulo a discussão dos dados ora apresentados recorrendo à teoria fenomenológica de Alfred Schutz. Assumindo a perspectiva fenomenológica considero os ritos de iniciação e casamentos prematuros uma realidade social, na qual os indivíduos constroem significados (subjectivo) da mesma realidade. Schutz (1979) entende a realidade social como o conjunto de acontecimentos dentro do mundo sociocultural, no entanto, os ritos de iniciação e casamentos prematuros acontecem nesse mundo.

O mundo social é a soma total dos objectos e dos acontecimentos do mundo cultural e social, vivido pelo pensamento do senso comum de homens que vivem juntas diversas relações de interacção (...) desde os princípios nós os actores no cenário social, vivemos o mundo como um mundo de cultura e natureza, não como um mundo privado, mas como

intersubjectivo, ou seja que nos é comum, que nos é dado, ou potencialmente acessível a cada um de nós. (Schutz apud Coulon, 1995, p. 12)

Deste modo, a percepção que as crianças têm em relação à influência dos ritos de iniciação no casamento prematuro é compreendida dentro deste quadro de realidade social.

Os ritos de iniciação marcam o culminar da socialização das crianças yaos. Em regra todas as crianças da tribo yao devem passar por este ritual. Retiradas do convívio sócio-familiar, as crianças aprendem das Anakangas conhecimentos da sua tribo, questões ligadas a sexualidade e recebem normas de conduta para uma boa convivência em sociedade. Quando chega o fim desta cerimónia, as famílias numa espécie de festa, juntam-se para receberem os recém-iniciados e em conjunto glorificam e exaltam aquele momento como forma de dar lugar o retorno à vida social das suas filhas. A marcha, que é também feita juntamente com as meninas acontece num ambiente de grande solenidade com canções de alegria (pinceladas com alguma carga de erotismo) ao som dos tambores e apitos, a multidão dança em jeito de recepção das “novas” adultas.

O casamento yao, em princípio só tem lugar depois de os indivíduos terem sido iniciados, pois a cultura considera que depois da iniciação as crianças já têm capacidades de levar em frente uma vida conjugal.

A realidade objectiva explica a razão dos elevados índices de casamentos prematuros como se fosse assinalada pelos conhecimentos sobre a sexualidade que os ritos de iniciação transmitem as crianças. Porém, os ritos de iniciação não são só a sexualidade. Eles englobam todas as vertentes da vida social como por exemplo, a maneira de se comportar em sociedade, a maneira de ser e estar em funerais, a maneira de se vestir entre outros aspectos. Lembrando porém, que, uma realidade objectiva está sujeita significados subjectivos.

Fiquei a saber que pelo facto de as crianças serem retiradas do convívio sócio-familiar para dar lugar a ida aos ritos de iniciação entristece-as porque enquanto ainda estiverem no n'sondo, elas deixam de ver amigas que não são iniciadas para além de que nessa fase elas não têm direito à visita do pai e nem dos irmãos. Tendo esses aspectos como exemplo pode se aferir que os ritos de alguma forma quebram as relações sociais.

Embora as crianças saibam que a decisão da passagem pelos ritos não depende delas, questionadas sobre a ida ou não aos ritos de iniciação as não iniciadas responderam peremptoriamente que não queriam passar pelos ritos pois temem sentir saudades dos pais e das amigas. Outrossim, prende-se no facto da tomada de decisão sobre o ingresso aos ritos de iniciação não ser atribuída ao pai, mas sim a mãe, a tia e as avós maternas. Ao Ministério da Educação é igualmente retirado o poder de decisão sobre a ida das crianças aos ritos de iniciação, pois o que se verifica é que as crianças são retiradas da escola mesmo no meio do semestre, fazendo com que haja maior índice de desistência escolar.

Não obstante as crianças terem recebido conhecimentos com relação a sexualidade nos ritos de iniciação, verifiquei que existe uma relatividade na maneira como elas percebem a idade ideal para que aconteça o casamento. Quiera de apenas 14 anos considerava ser estranho com a idade que ela tem e uma vez iniciada não estar casada ainda, enquanto outras criança na condição da Maria pretendem alcançar conquistas tais como, um diploma, ingressar a universidade, um emprego e por fim casar. Esta divergência de ideias vinda de crianças que receberam o mesmo tipo de conhecimento, que vivem a mesma realidade, inseridas em um mesmo contexto em que os casamentos prematuros são subsequentes a rituais iniciáticos deve-se a localização social em que as mesmas se encontram.

A situação biográfica influencia na maneira como se percebe uma determinada realidade isto é, o ambiente físico-cultural dentro do qual as criança se encontram ajuda-lhes a significar tanto os ritos de iniciação assim como o casamento prematuro. Assim sendo essas crianças os fazem leitura da realidade em função da situação biográfica.

Ora vejamos; a criança que considerou estranho não estar casada com catorze anos provem de uma família extensa. Ela vive com os avôs para além de primas, tias, sobrinhos, entre outros elementos que perfazem a família. Ela é integrante de grupos de pares com crianças iniciadas e iniciadas casadas. De modo que ela não brinca com crianças não iniciadas por considera-las “crianças”. Ao dizer que não brinca mais com crianças, ela está se referindo àquelas crianças que ainda não passaram pelas provas que fazem com que a sociedade as considere adultas.

Entretanto, as crianças que consideram estranho não estarem casadas, tem como base os ensinamentos que assimilam durante a iniciação. A este tipo de conhecimento que nos é

transmitido durante o processo de socialização Schutz denomina-os por estoque de conhecimento à mão, e é através deste tipo de saber (estoque de conhecimento a mão) que os indivíduos orientam as suas formas de agir no seu dia-a-dia.

As outras crianças que não consideraram estranho não estar casadas com aquela idade, são crianças com um estilo de vida diferente. Elas pertencem a academias de dança, grupos de teatro das suas respectivas escolas e outras formas de sociabilidade. Os seus estilos de vida possibilitam-nas a questionarem o estoque de conhecimento à mão. Ao se falar de questionar o conhecimento do senso comum, o conhecimento que as crianças recebem durante o processo de socialização, Schutz (1979), adverte que não é para romper com ele mas sim reflectir sobre os pressupostos que orientam tal conhecimento.

Na atribuição dos desenhos retratando as várias situações da Maria, é curioso notar que a maior parte das crianças se identificou com o desenho número 3, que ilustra a Maria grávida com o seu marido, pois a maternidade no grupo yao representa uma grande conquista, um meio para o reconhecimento social. Estas crianças justificavam a sua escolha dizendo o seguinte *a Maria está mais bonita aqui* (apontando o desenho) *...ela vai ter um bebé*. As representações simbólicas das crianças não são construídas isoladamente das culturas mais amplas. Contudo, as percepções que as crianças têm não são individualizadas até certo ponto, uma vez que elas estão inseridas em um contexto sociocultural no qual os processos de *objectivação*, institucionalização e subjectivacao ditam a construção dos significados ou percepções das crianças em relação aos ritos e casamentos prematuros.

Depois da iniciação existe uma ideia segunda qual as crianças devem comportar-se como adultas, não recusar as investidas de um homem, e, quando essa criança não responde a essas exigências põe-se em causa a sua fertilidade.

Quanto as manifestações culturais, é notória a coisificação<sup>5</sup> da mulher. Ela é tida como uma máquina de procriação contribuindo dessa forma na proliferação dos casamentos prematuros, na educação deficiente das crianças que provem destes tipos de casamentos. etc

Falando da decisão em si do casamento, os dados demonstraram que nenhuma criança decidiu por si o seu casamento. *“Meu marido era amigo do meu irmão, então quando minha família*

---

<sup>5</sup> Transformar em coisa ou em objecto.



*descobriu que estávamos a namorar mandaram-nos casar* ( Isaura, 17 anos, criança iniciada casada e mãe) Com relação a crianças ainda não casadas um número reduzido é que diz ser seu direito decidir quando e com quem casar. Cabe sempre aos pais ou aos encarregados de educação esta “nobre” missão de decisão.

Todavia, esta não participação das crianças na tomada de decisão de uma vida que só a ela dirá respeito para além de ser associada às *tipificações*, a ideia do não questionamento, o assim foi e sempre será, é também associada a imagens que as sociedades constroem sobre as crianças. Elas são tidas como seres dependentes, vulneráveis, incapazes de tomar decisões por si, isto misturado à total autonomia que os adultos têm sobre as crianças.

Ora, a missão de decidir o casamento das filhas que os pais ou encarregados de educação têm, é uma prática antiga que è passada de gerações em gerações.

Como os dados demonstraram são as crianças que escolhem os seus namorados e essa decisão do namoro é consciente e voluntaria. Assim sendo constatei que os ritos de iniciação influenciam no primeiro contacto físico-emocional entre crianças de sexo feminino e o sexo oposto, caso para aferir que os ritos de iniciação ajudam à iniciação sexual precoce. Os ritos de iniciação não influenciam na tomada de decisão das meninas yao para o casamento prematuro. Contudo, os pais e encarregados de educação são cúmplices desses altos índices de casamentos.

## **Considerações finais**

Com este trabalho conduzi algumas discussões que permitem expandir a ideia que se tem da relação entre ritos de iniciação e casamento prematuro na cidade de Lichinga. Os dados empíricos foram discutidos à luz de uma teoria sociológica, especificamente a fenomenologia de Alfred Schutz (1979).

Existe a ideia que os ritos de iniciação influenciam na prática de casamentos prematuros, porém, de acordo com a teoria fenomenológica de Alfred Schutz toda realidade objectiva estão susceptível a significados ou interpretações subjectivos.

As crianças que são os principais actores destas duas práticas, tanto dos ritos de iniciação como de casamentos prematuros, reconheceram que durante os ritos de iniciação elas são transmitidas muitas coisas, umas que elas já conheciam, outras que nunca tinham ouvido falar.

Ora, vimos que os significados que as crianças têm dos ritos de iniciação e casamento prematuro diferem da realidade objectiva, para elas a passagem pelos ritos de iniciação não influenciam na decisão para o casamento visto que quando essas crianças retomam ao convívio sócio-familiar não são elas que decidem o casamento, mas sim os pais e ou encarregados de educação.

Posto isto, cheguei a seguinte conclusão, na perspectiva das crianças yaos, a passagem pelos ritos de iniciação não influenciam nos casamentos prematuros uma vez que a decisão de casamento antes do tempo não parte delas mas sim dos pais. Concluo também, que apesar dos ritos de iniciação conferirem uma maturidade as crianças não lhes dão o direito de decidirem o casamento.

Difícilmente se toma um trabalho como verdadeiramente terminado, sempre achamos que se devia explorar este e aquele ponto. Para compreender a influência dos ritos de iniciação na decisão para o casamento prematuro penso que são vários os aspectos que se devem tomar em consideração, buscar de forma profunda o conteúdo dos ritos, ouvir os organizadores dos ritos, perceber o tipo de famílias que envolvem as crianças nesses ritos e nos casamentos prematuros, entre outros aspectos.

Porém, termino este trabalho apelando a realização de novos estudos para se conhecer e compreender os vários elementos que estão ligados aos ritos de iniciação assim como o casamento prematuro nos diferentes grupos étnicos linguísticos deste vasto Moçambique.

No entanto, como pista para possíveis trabalhos, recomendaria algo que considerarei bastante interessante na elaboração deste trabalho, no que tange a tomada de decisão, porquê que não são as próprias crianças a decidirem os seus próprios casamentos, uma vez que já são iniciadas e os ritos de iniciação concedem as crianças o *status* de adulta, não seriam elas a decidirem os casamentos? Ou será que não são elas a decidirem os casamentos pelo facto de serem mulheres?

## **BIBLIOGRAFIA**

ARTHUR, Maria José. *O casamento como violação dos direitos Humanos. Um Exemplo Que Vem Da Goronsa, Agostos – Novembro, 2010*

BERGER, Peter & LUKMANN, Thomas. *A construção social da realidade. 2ª Edição. Lisboa: Dinalivro Editora, 2004*

BONNET, João Alberto de Sá & IVALA, A. Zacarias. *Educação da Rapariga no Norte. Nampula: cooperação Suíça, 1999*

BONNET, João Alberto de Sá. *Ethos Local e Currículo Oficial: A Educação Autóctone Tradicional Macua e o Ensino Básico em Moçambique. Tese de Doutoramento Em Educação, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2002*

BRAÇO, A. *Educação pelos Ritos de Iniciado: Contribuição da Tradição Cultural Ma-sena ao Currículo Formal das Escolas em Moçambique. Dissertação de Mestrado em Educação, São Paulo, 2008*

CORSARO, William A. *A reprodução Interpretativa No Brincar Ao “ faz de Conta” das Crianças. Revista Educação, Sociedade e Cultura, nº17, Porto, 2002*

COLONNA, Elena. *“Eu É Que Fico Com A minha Irmã”. Vida Quotidiana Das Crianças Na Periferia De Maputo, tese de Doutoramento, Janeiro 2012*

CHARTOL, Bernard. *A mistificação pedagógica. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.*

CHRISTENSEN, P. & PROUT, A. *Wrking with ethical symmetry in social reserch with children. Childhood, 2002*

DA SILVA, Eugénio Aves. *Educação em Meio Rural em Angola: Tradição, ( dê)s igualdades de género e cidadania. Portugal.3011;*

DELGADO, Ana Cristina Coll, MULLER, Fernanda. *Em busca de de Metodologias Investigativas Com Crianças e Suas Culturas. Cadernos de Pesquisa, V35, nº 125, Maio- Agosto 2005*

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder: Edições Graal, Rio de Janeiro, 1979*

GIL, António Carlos; (2007): Métodos de técnicas de pesquisa social; São Paulo Atlas;5ªed.

GRIGOROWITSCHS, Tamara. *O Conceito “Socialização” Caiu Em Desuso? Uma Análise dos processos De Socializaçãocom Base em George H.Mead.* Vol 29, nº 102. Campinas, 2008

HUNDA, Sigma. *Relatório Da Relatora Especial Sobre Tráfico de Pessoas Em Particular Mulher E Crianças No Conselho De Direitos Humanos,* Doc. ONU 24 de Janeiro, 2007

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia Científica.* 7ª Edição. São Paulo: Atlas Editora, 2007

LOFORTE, Ana Maria e tal. *Família em contexto de Mudança.* Maputo: UEM, 2998

MARTINEZ, F. *O Povo Macua e a Sua Cultura: Análise dos Valores Culturais do Povo Macua no Ciclo Vital.* Maúá, Moçambique 1971-1985, EdiPaulinas, Ministério da Educação, Maputo, 1989

MARCONI, Maria de Andrade.*Metodologia científica para o curso de Direito,* 2 ed, Editora Atlas, São Paulo. 2001

MADEIRA, Sofia Pereira. Ritual de iniciação no Alto Xingo: a reclusão feminina Kumair- In: revista de Ciências Humanas nº 40. Florianópolis. 2006;

Ministério da Administração Estatal. *Perfil do distrito de Lichinga.* 2008

MEDEIROS, E. *Regras de Parentesco e Casamentos entre os Chuwabos.* Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique

MEDEIROS, E. *Senhores da Floresta: Ritos de Iniciação dos Rapazes Macua-Lómué no Norte de Mocambique.* Tese de Doutoramento em Antropologia. Faculdade de Ciências e Tecnologias de Coimbra, 1995

MONTEIRO, Adriana Torres Maximo & CARVALHO, Levindo Diniz. “As Coisas Que Não Tem Nome São Mais Pronunciadas Por Crianças” volume nº 6. Minas Gerai.2011

MEDEIROS, João Bosco. *Redacção Científica - A prática de Fichamento, Resumos, Resenhas;* Atlas, 8ªed São Paulo, 2006,.

- MINAYO, Maria (org). *Pesquisa Social - Teoria, Métodos, e Criatividade*, Vozes, Petrópolis, 1994)
- MONTEIRO, Adriana Torres Máximo, CARVALHO, Levindo. “*As Coisas Que Não Tem Nome São mais Pronunciadas Por Crianças*” Culturas Infantis e produção Simbólica 2011
- NHANTUMBO, Sónia et al. *Casamentos Prematuros em Moçambique: Contextos Tendências e Realidade*. 2010
- OSORIO, Maria da Conceição & SILVA, Teresa Cruz. *Buscando sentidos: género e sexualidade entre jovens do ensino secundário*, Maputo: WLSA Moçambique, 2008
- OSORIO, Maria da Conceição. *Ritos de iniciação um debate necessário* Maputo: WLSA Moçambique, 2008
- OSORIO, Maria da Conceição & Macuacua Ernesto. *Os ritos de Iniciação no contexto Actual: Ajustamentos, Rupturas e Construindo Identidades de Género*. Maputo, 2013
- RODOLPHO, A. Rituais, Ritos de Passagem e de Iniciação: uma Revisão da Bibliografia Antropológica. In: estudos teológicos, Vol 44, nº 2 Brasil, 2009
- ROSC. Eliminar Praticas Sociais Prejudiciais as Crianças, é dever de todos. Maputo. 2013;
- SARMENTO, Manuel J. Sociologia da Infância: Correntes e Influencias. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2008
- SILVA, Teresa Cruz et al. *Representações e Praticas Da Sexualidade Dos Jovens E a Feminizacao do Sida Em Moçambique*. Maputo: WLSA Moçambique, 2007
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. In: Helmut R. Wagner (org): Textos escolhidos de AlfredSchutz, Zahar editores, Rio de Janeiro – Brasil.1970
- SOARES, Edvaldo Metodologia Científica – *Lógica, Epistemologia e Normas*, Atlas São Paulo. 2003
- TVEDTEN, Ige, PAULO, Margarida, et al. “ se Homens e Mulheres fossem iguais todos nós serias simplesmente pessoas”: género e Pobreza no Norte de Moçambique. 2009;

UNICEF, *Pobreza Infantil e disparidades em Moçambique*. Relatório. Maputo, 2010

UNICEF, *violência e abuso sexual de crianças em Moçambique*. Maputo, 2011

VAN GENNEP, A. *Ritos de passagem*. Vozes editoras. Petrópolis, 1977

VAZ, Igor, *A fistula Obstetrícia e a Situação em Moçambique*. Outras Vozes nº33-34. Maio, 2012

VICENTE, José Gil. *Prematuridade e responsabilidade Familiar das Raparigas Moçambicanas*. 2013

WEBER, Max. *Comunidade e Sociedade Como Estruturas de Socialização*. In: Fernandes, F. (Org): *Comunidade e Sociedade: Leituras Sobre Problemas Conceituais Metodológicos e de Aplicação*, Editora da USP, São Paulo 197

## **ANEXOS**



## **Guião de entrevista**

### **I. Para crianças não iniciadas**

Dados pessoais

1. Nome \_\_\_\_\_
2. Idade \_\_\_\_\_
3. Bairro \_\_\_\_\_
4. Nível escolar \_\_\_\_\_

1. O que fazes no dia-à-dia?
2. Das coisas que fazes o que gostas e não gostas?
3. Quais são os teus sonhos para quando fores grande?

### **II. Sobre os ritos de iniciação**

1. Vais umbalar?
2. Quando?
3. Quem te disse que vais umbalar?
4. O que esperas aprender lá?
5. O que è casamento para si?

### **Questionário para crianças iniciadas não casadas**

Dados pessoais

1. Nome \_\_\_\_\_

2. Idade \_\_\_\_\_

3. Bairro \_\_\_\_\_

4. Nível escolar \_\_\_\_\_

## **II Sobre o Rito**

1. Como é o teu dia -a- dia?
2. Antes de Umbalar fazias mesmas coisas?
3. O que gostaste e não gostaste lá?
4. Porque Umbalaste?
5. O que aprendeste lá que foi a mais importante?
6. Aprendeste algo interessante?
7. Depois do unhago mudou alguma coisa?
8. O que mudou?
9. Há coisas que gostavas de fazer antes e já não gostas?

## **Sobre o casamento**

1. Quais são teus planos para o futuro?
2. Namoras?
3. Com quantos anos é que queres casar?
4. O que gostavas de conquistar antes de casar?
5. Quem vai decidir o teu casamento?
6. Como tem sido o teu relacionamento com os vizinhos?
7. Achas estranho com a tua idade não estar casada?
8. Com quem brincas aqui no bairro?
9. O que è casamento para si?

## **Questionário para crianças iniciadas casadas**

Dados pessoais

1. Nome\_\_\_\_\_

2. Idade\_\_\_\_\_

3. Bairro\_\_\_\_\_

4. Nível escolar\_\_\_\_\_

### **II Sobre os ritos de iniciação**

1. Como é o teu dia -a- dia?
2. Antes de Umbalar fazias mesmas coisas?
3. O que gostaste e não gostaste lá?
4. Porque Umbalaste?
5. O que aprendeste lá que foi mais importante?
6. Aprendeste algo interessante?
7. Depois do unhago mudou alguma coisa
8. O que mudou?
9. Há coisas que gostavas de fazer antes e já não gostas?

### **III Sobre o casamento**

1. Quando é que começaste a namorar?
2. Depois do Unhago continuaste com o mesmo namorado?
3. Sonhavas casar com esta idade?
4. Como chegaste a se casar?
5. Onde conhecestes teu Marido?
6. Quem decidiu teu casamento?
7. O que é casamento para





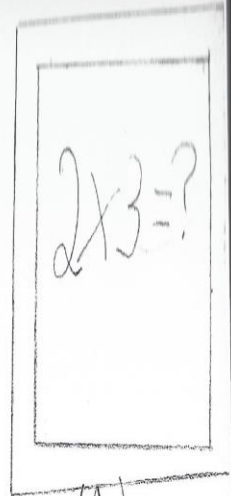




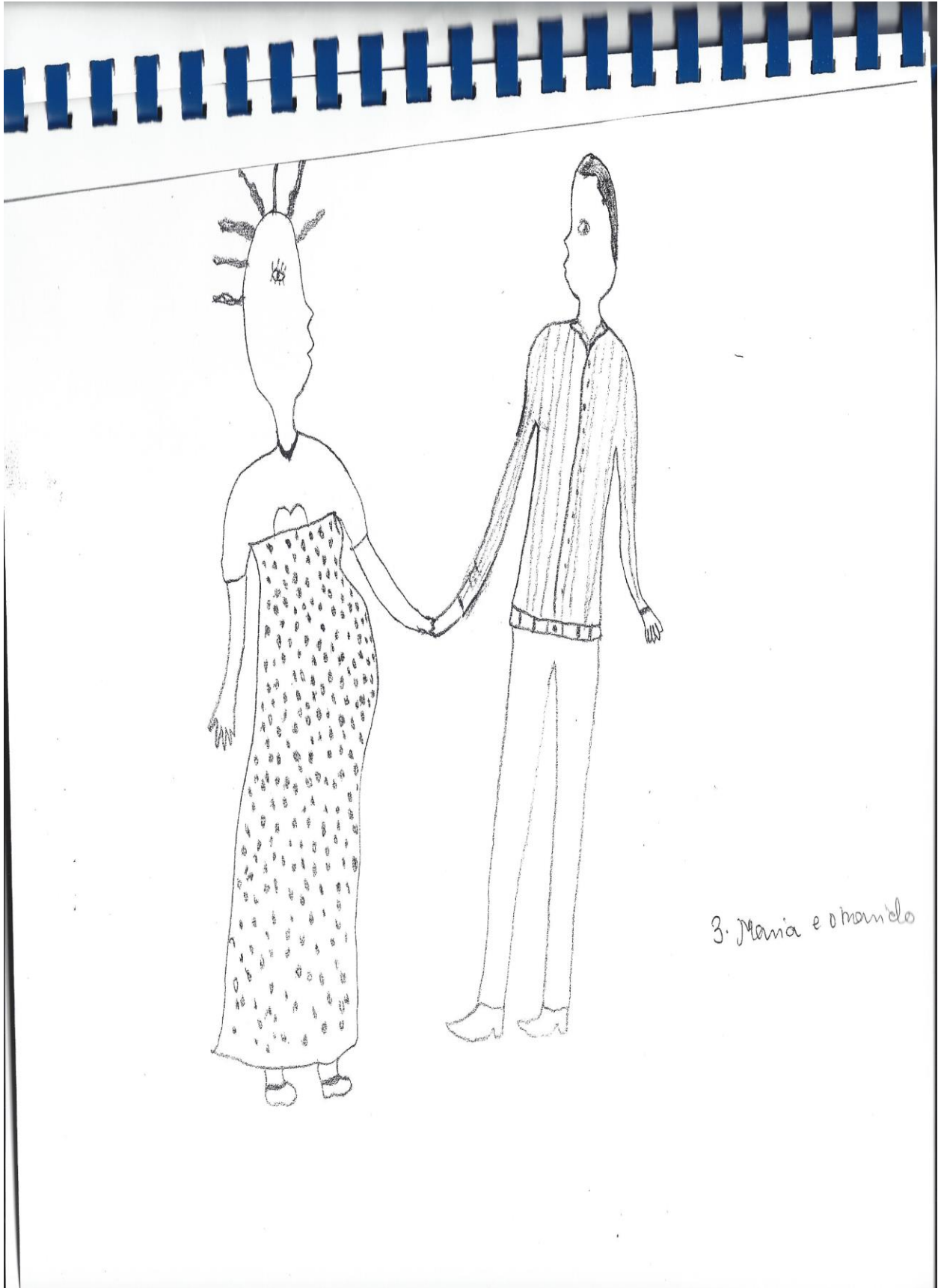
1. Criancas saltando a corda







2. Mania na escola



3. Maria e o marido

